

---

## Na Rua e na Memória: Junho de 2013 e as Dinâmicas Anamnésicas

En la Calle y en la Memoria: Junio de 2013 y las Dinámicas Anamnesicas

In the Street and in the Memory: 2013 June and Anamnestic Dynamics

**Gustavo Souza Santos**

Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros (FIPMoc).

E-mail: [gustavo.ccpv@gmail.com](mailto:gustavo.ccpv@gmail.com)

**Maria das Graças Campolina Cunha**

**Anete Marília Pereira**

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

Recebido: 11 de agosto de 2018

Aceito: 23 de outubro de 2018

Disponível on-line em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>

---

**Resumo** – “O gigante acordou”. Um grito de guerra que ecoou nas ruas no período das jornadas de junho, sequência de manifestações que tomaram o território nacional no mês de junho de 2013, tornando-se a tessitura metafórica ideal para representar o sentimento catártico que unia os manifestantes. Manifestantes que assumiram a roupagem do “gigante pela própria natureza” e anunciavam com a tomada das ruas que se tratava de um despertar: o país gigante acordou, rompe os fios que o mantinham enclausurado e quer recobrar seu lugar. Objetivou-se aqui analisar as dinâmicas anamnésicas das Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, considerando as relações entre espaço e memória como insumos para a insurgência. O estudo se apoiou na análise documental do conteúdo noticioso dos três jornais de maior circulação (Folha de S. Paulo, O Globo e Estadão) no período das manifestações (ano de referência 2013), conforme auditoria do Instituto Verificador da Comunicação (IVC), órgão que mensura entre outros aspectos, a circulação de periódicos. As pautas dos atos eram unívocas em sua eclosão, mas passaram a evocar demandas sociais, econômicas e políticas na medida em que a insurgência passou a se articular em uma dinâmica anamnésica. Desse modo, o nutriente advindo da memória de experiências e expectativas antepassadas desencadeou uma força messiânica, de resgate do passado e compromisso com os legados e cada linha escrita anteriormente e que precisavam de desagravo no presente, com vistas a um futuro mais otimista.

**Palavras-chave:** Jornadas de junho; Espaço; Memória; Revolução anamésica; Movimentos sociais.

**Resumen** – “El gigante despertó”. Un grito de guerra que resonó en las calles en el período de las jornadas de junio, secuencia de manifestaciones que tomaron el territorio nacional en el mes de junio de 2013, convirtiéndose en la tesis metafórica ideal para representar el sentimiento catártico que unía a los manifestantes. Manifestantes que asumieron el ropaje del “gigante por la propia naturaleza” y anunciaban con la toma de las calles que se tratava de un despertar: el país gigante se despertó, rompe las amarras que lo mantenían enclaustrado y quiere recobrar su lugar. Se objetivó aquí analizar las dinámicas anamnésicas de las Jornadas de Junio de 2013 en Brasil, considerando las relaciones entre espacio y memoria como insumos para la insurgencia. El estudio se apoyó en el análisis documental del contenido noticioso de los tres periódicos de mayor circulación (*Folha de São Paulo*, *O Globo* y *Estadão*) en el período de las manifestaciones (año de referencia 2013), conforme a la auditoría del Instituto Verificador de la Comunicación (IVC), órgano que mide entre otros aspectos, la circulación de periódicos. Las pautas de los actos eran unívocas en su eclosión, pero pasaron a evocar demandas sociales, económicas y políticas en la medida en que la insurgencia pasó a articularse en una dinámica anamnésica. De ese modo, el nutriente proveniente de la memoria de experiencias y expectativas antepasadas desencadenó una fuerza mesiánica, de rescate del pasado y compromiso con los legados y cada línea escrita anteriormente y que necesitaban desagravo en el presente, con vistas a un futuro más optimista.

**Palabras-clave:** Jornadas de junio; Espacio; Memoria; Revolución anamésica; Movimientos sociales.

**Abstract** - The giant awoke'. A shout of war that echoed in the streets during the June Journeys period, a sequence of demonstrations that took national territory in June 2013, making it the ideal metaphorical structure to represent the cathartic feeling that united the demonstrators. Protesters who took on the role of the "giant by nature" and announced with the taking of the streets that it was an awakening: the giant country woke up, broke the wires that kept it locked and want to recover its place. The aim of this study was to analyze the dynamics of the June 2013 Brazil Days, considering the conditions between memory and inputs for an insurgency. The study took place in a series of documentary exhibitions in the year 2013, according to an audit by the Verifier Institute of Communication (IVC), an agency that measures, among other aspects, a circulation of periodicals. The guidelines of the acts were univocal in their outbreak, but were a social, economic and political requirement insofar as the insurgency began to articulate in an anamnestic dynamic. In this way, the nutrient coming from the memory of experiences and the forefathers expectations unleashed a messianic force, a rescue of the past and a commitment to the legacies and to the writing written before and need of a present, with a view to a more optimistic future.

**Keywords:** June journeys; Space; Memory; Anamnestic revolution; Social movements.

## Introdução

O gigante estava adormecido. Talvez tomado pelo sonho de seu projeto. Talvez numa sonolência irresistível dada a fadiga de seu trajeto. Ou ainda, um sono lúcido, em que a realidade premente e incisiva desobrigasse a consciência de seu vigor e energia costumeiros, cujo resultado fosse uma dormência que não é nem total nem parcial, mas um estado de transe. O que o faria despertar? O que substituiria o leite de sua dormência?

Contudo, a perturbação exterior começou a interferir na ciranda do sono que mantinha fito o gigante. A reverberação de ruídos de fora encontraram ressonância em ruídos e perturbações interiores que, como alarmes, passaram a coagir o estado de repouso desse gigante cujos olhos insistiam em se manter cerrados. O gigante não podia contar com o rompante disposto a fazê-lo emergir, acordar seu espírito e despertar sua conduta.

Conspiraram contra seu sono. Arquitetaram a perturbação de sua ordem interior. Planejaram romper com sua suave tibieza. Premeditaram alterar a sofisticada letargia que o mantinha estável. Mas seu sono não era fácil de vencer. Muitos fios o mantinham delicadamente alinhado em posição cativa para o descanso. A ideia da quietude não só o animava como o seduzia a se manter incólume, a fim de lograr mais daquele estado entorpecente.

A acuidade dos ruídos, porém, foi maior. O gigante acordou. Não sem antes manifestar seu humor encolerizado pelo sono perturbado. Não sem antes fazer da ira sua linguagem pela estabilidade violada. Ao abrir os olhos, o gigante percebe que a acústica que permitiu com que tamanho alvoroço o despertasse não era apenas externa, não era conspiração, não era premeditação, mas tinha vibração dentro de si mesmo.

O despertar era internalizado, bem como o era externalizado. O tempo já não era noturno, mas soturno. A suposta quietude torna-se motivo de redescoberta de si. E ao perceber-se, sentiu-se os fios que o mantinham preso. Tais fios o tinham subjugado e restrito. Seu algóz, entendeu, era deparar-se com o real estado a que correspondia a essa sutil prisão.

Os ruídos eram imperativos. E se o gigante já havia sido despertado por eles, seu efeito agora era outro. A perturbação da quietude e da retomada de consciência do gigante tornou-se fonte de uma reação de desassombro. Ainda que instável pela volatilidade do momento e da fragilidade de sua condição momentânea, mas fluida, consciente de sua ação.

Com os olhos abertos, o gigante não só vislumbrou sua condição daquele momento, mas recordou de sua condição como tal, isto é, que o agigantam. Essa consciência unida ao desassombro do rompante de seu despertar o levaram a romper os fios embaraçados sobre seu corpo. Seus movimentos, antes limitados, puderam flexionar-se novamente. Sua postura, tolhida, pode novamente se estender.

“O gigante acordou”. Um grito de guerra que ecoou nas ruas no período das jornadas de junho e tornou-se a tessitura metafórica ideal para representar o sentimento catártico que unia os manifestantes. Manifestantes que assumiram a roupagem do “gigante pela própria natureza” e anunciavam com a tomada das ruas que se tratava de um despertar: o país gigante acordou, rompe os fios que o mantinham enclausurado e quer recobrar seu lugar.

Em junho de 2013, o Brasil acompanhou uma série de manifestações que se expandiram por todo o território nacional. As demandas eram plurais, diversas e amplas, contudo guardavam um viço comum de engajamento e solidariedade tornando a insurgência particular. O movimento ampliado agarrou-se à etiqueta de “O gigante acordou”, uma alusão ao país “gigante” que acordara para construir uma realidade melhor de vida para todo o povo.

O fato é que o gigante, no imaginário popular, acordou. Acordou naquele momento, o que parece indicar o despertar não apenas de uma consciência convidativa à luta, mas um movimento memorial mais intrincado e concatenado com o passado e carente de interpretação.

O nutriente advindo da memória de experiências e expectativas antepassadas desencadeou uma força messiânica (BENJAMIN, 1994; BRANDÃO, 1998), de resgate do passado e compromisso com os legados e cada linha escrita anteriormente e que precisavam de desagravo no presente, com vistas a um futuro mais otimista.

Desta forma, este trabalho reflete as dinâmicas anamnésicas das Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, considerando as relações entre espaço e memória como insumos para a insurgência. Além da discussão com a literatura, o trabalho seleciona recortes jornalísticos como aporte documental.

Metodologicamente, o estudo se apoiou na análise documental do conteúdo noticioso dos três jornais de maior circulação<sup>1</sup> (Folha de S. Paulo, O Globo e Estadão) no período das manifestações (ano de referência 2013), conforme auditoria do Instituto Verificador da Comunicação (IVC), órgão que mensura entre outros aspectos, a circulação de periódicos.

Desse modo, lança-se mão de um veículo midiático que trabalha com a volatilidade do factual e com a atualidade da periodicidade diária, o que permite compreender a construção do discurso sobre algo em uma visão progressiva, servindo de base analítica para o caso em questão.

## Desenvolvimento

O passado traz consigo um índice misterioso, que impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está a nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo (BENJAMIN, 1994, p. 223).

Brandão (1998) argumenta que Benjamin, na citação que abre esta seção, obriga a consciência histórica a deslocar radicalmente sua direção submetendo o imaginário em torno do futuro ao compromisso do presente selado com o passado, onde a noção de projeto tenha funcionalidade a partir da memória.

O passado na visão benjaminiana impele à redenção, isto é, seus autos não apenas contam e testemunham eventos e sujeitos, mas provocam no presente um senso pela transfiguração daquilo que o passado não elaborou, como meta para um presente que, comprometido, pode mudar a linha do futuro.

O signo geral da modernidade é o futuro sem precedentes em avidez e orientação radical, todavia há uma força ainda mais radical que redireciona as trilhas do futuro passando pelo passado, para por fim se fazer futuro concreto (HABERMAS, 1990). O futuro é então uma janela messiânica com a qual os fios partidos do passado podem ser reintegrados e suas narrativas redimidadas.

Os sujeitos do presente em uma modernidade que anela o entender a si mesma no trajeto para o futuro são responsáveis pelas gerações que terão esse futuro como presente na sequência, evoca Benjamin (1994). E esse processo, entende Brandão (1998), coloca a sociedade em um movimento que se solidariza não exclusivamente com o futuro que não demora em ser presente, mas com o passado que sedimentou o presente atual, de onde se parte.

A memória é então um dispositivo importante nos processos sociais. Diz respeito à construção dos sujeitos e da coletividade no tempo, mas reverbera também no espaço na medida que se torna combustível para que a teia de significados que é o espaço se estabeleça como realidade desejada ou em projeto.

Em Pollack (1992), a memória coletiva tem a função de fervilhar os sentimentos de pertença e delinear as fronteiras que caracterizam a identidade coletiva. A referência ao passado sustentaria a coesão de tais coletividades e também a narrativa das instituições sociais, o que definem suas conexões e conflitos.

Tem-se assim o enquadramento da memória, na qual esta é produzida para a manutenção das identidades e dos projetos de vida. “A memória teria, assim, o poder de tecer significações e sentidos aos lugares, uma vez que possui como herança as lembranças da formação e constituição dos espaços” (SOUZA; BARLETTTO, 2009, p. 126).

A memória é concomitantemente uma construção individual e social, sendo resultado de compartilhamentos, diálogos e exercícios coletivos de emprego de sentido à realidade (ZANINI, 2005). Na produção de memória, o indivíduo é que a exerce, todavia esse processo se dá por meio de um exercício de escolha que privilegia alguns acontecimentos sob influência cultural ou de hegemonia de poder.

Em suma, a partir de uma conjuntura possível, de uma linguagem compartilhada e também daquilo que o grupo manteve como válido em termos de itinerários e valores considerados positivos. Não são todos os acontecimentos, personagens e fatos que permanecem nas memórias. Eles são, antes, um exercício de escolha, de privilegiamento e de possibilidades de partilha, o que implica dizer que as construções das memórias ou a sua sobrevivência são formas de exercício de poder. Poder este que é exercido de múltiplas formas e que não necessariamente está sintonizado com verdades históricas. São, muitas vezes, as leituras legitimadas do passado que se tornam relatos autorizados, embora saiba-se que possam ser interpretações e triagens conduzidas por critérios que não necessariamente sejam históricos (ZANINI, 2005, p. 116).

Retomando a acepção benjaminiana, o exercício da memória se estabelece como comprometimento redentor no presente para com o passado. Trata-se de uma dívida solidária, afirma Brandão (1998). E nisso, as expectativas que robustecem a noção de futuro passam prioritariamente pela recuperação das expectativas passadas não realizadas no passado, na forma de memória, continua o autor.

Experiência e expectativa são duas ideias importantes nesse jogo de tempos entre modos. A primeira sugere o passado, a segunda, o futuro, e ambas parecem querer entrelaçar-se como os dois pólos através dos quais a consciência da modernidade se pensa e projeta os seus futuros (BRANDÃO, 1998, p. 29).

A ideia moderna de progresso advém de uma ruptura das experiências do passado com as expectativas do presente, fazendo surgir uma consciência temporal da modernidade. Assim, recusa-se a bagagem acumulada das gerações precedentes e recusa-se também a:

Experiência vivida e, mais ainda, de suas expectativas deixadas-de-viver como um valor para o futuro. O esquecimento, em nome de um progresso que, ao estabelecer um futuro a partir de si mesmo, coagula a história e elimina dos tempos que hão de vir toda uma possível qualidade do povo. Pois, então, o progresso programa a plenitude de sua realização de uma ênfase salutar de imprevisibilidade [...] (BRANDÃO, 1998, p. 30).

Embora a perspectiva moderna do progresso e do futuro abdique o passado como forma de construção da história no porvir, isto se torna no dizer benjaminiano uma fonte de desassossego visto que cada época guarda em si um horizonte de expectativas não satisfeitas. E são essas expectativas em lacuna que impele os sujeitos contemporâneos a redefinir os contornos de sua história ou a minimamente desconfiarem das linhas que dão preenchimento à sua experiência e devir.

O contingente de expectativas não cumpridas e lacunas de experiência interpelam o sujeito contemporâneo a indagar sobre o que se revela como bem entesourado da memória coletiva e por em xeque os sentidos transmitidos da história macro e micro. Esse exercício de rememoração, então, desenvolve um sentido de dever messiânico para com as lacunas do passado.

No elo expectativa-experiência e no sentido passado-futuro, Benjamin sugere um exercício redentor da memória. A “imagem dialética do termo redenção para definir esta reparação anamnésica da história, visto que, na perspectiva etimológica de sua expressão, redenção significa ‘recuperar aquilo que era nosso, aquilo de que fomos levados a nos privar, aquilo que alienamos’” (NEVES, 2008, p. 103).

Brandão (1998) argumenta que a memória se desenvolve como lembrança cultural do compromisso com o projeto coletivo e sua destinação capaz de transformar o status de irrealização por meio de significados aplicados:

Eis que a cada geração somos responsáveis por viver uma nossa própria história, e por escrever essa nossa história em si mesma e também através da história irreversível dos acontecimentos realizados pelos que nos antecederam. Assim como somos responsáveis pelo ato de recuperar o sentido dos acontecimentos irreversíveis da história na vida dos que foram injustiçados nela, através de uma memória solidária que lembra isto. Que lembra e lhes faz justiça como revisão redentora dos acontecimentos, ao mesmo tempo em que incorpora isto aos seus projetos de futuro, como o elo solidário de construção do próprio destino das gerações (BRANDÃO, 1998, p. 33).

Esse processo de recuperação do sentido dos acontecimentos irreversíveis por meio de uma consciência solidária - e redentora - do passado, no presente para com o futuro em elaboração é chamado reparação anamnésica, em que o exercício de rememoração é ele mesmo uma indumentária de ativação identitária, agenciamento coletivo e transformação no tempo e no espaço.

A reparação anamnésica “significa recuperar a esperança na alteridade de múltiplas possibilidades e não mais se condensar numa diretriz única e inexorável” (SEVCENKO, 1995, p. 52). Ela se articula “com o passado não vivido (reprimido) e não com o passado ‘como de fato ele foi’” (NEVES, 2008, p. 104), significando “apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Nas ruas, um mar de reivindicações (O Globo, 19 jun. 2013, p. 10).

A polissêmica e vibrante voz das ruas, que agora atingiu alto e bom som, tem que ver com a emergência de um novo modo de vida e o esgotamento de um modo de fazer política. Associada a uma percepção social de que a sociedade está excluída da área pública e quer nela ser reconhecida e participar (Estadão, 22 jun. 2013, p. 2).

O movimento mostra um desejo de reconhecimento social [...] e o desejo por participação política (O Globo, 19 jun. 2013, p. 12).

Ora, em um contexto onde um mar de reivindicações marcado pela pluralidade e heterogeneidade de perspectivas e onde a participação social e política recobrou relevância no cotidiano, o exercício de memória é implícito e explícito. As narrativas hegemônicas se arrefecem e o protesto é uma pulsão que concentra em si os horizontes de expectativas e experiências diante de um passado-presente-futuro.

No encadeamento de um movimento de insurgência não orbitam apenas os elementos que designam sua agenda, seu perfil ou sua demanda prática, mas se inscrevem os eventos de que a memória retoma. Exercício que recupera a história contada, que anima as expectativas e respalda a luta como carta à consciência histórica coletiva em que se é preciso fazer algo.

Os sujeitos rememoram os autos de lutas, de conquistas, de desejos, de conflitos e realizações, ao mesmo tempo em que recobram o sentido do que não se concretizou, do que ficou para trás e dos percalços que respondem a contextos particulares no hoje com ameaças a um projeto de vida futuro, inspirando a partida, inspirando a luta. A insurgência não é só uma inflamação presente de visão panorâmica, mas uma leitura anamnésica do passado à luz do presente com o ideal naturalmente humano do futuro.

A reparação anamnésica no sentido de atos de insurgência, como nas jornadas de junho, é revolucionária, pois é produto de uma indignação contra injustiças históricas e domínios hegemônicos (NEVES, 2008). Protestar é então uma atividade de retomada das rédeas das narrativas históricas sob o perigo da conservação de uma memorabilia oficial e dominante.

Lefebvre (2008, p. 114-115) completa:

A sociedade em que vivemos parece voltada na direção da plenitude, ou pelo menos na direção do pleno (objetos e bens duráveis, quantidade, satisfação, racionalidade). Na verdade, permite que se cave em si mesma um vazio colossal; nesse vazio, agitam-se as ideologias, espalha-se as brumas das retóricas. Uma das maiores aspirações que o pensamento ativo pode propor a si mesmo, pensamento este que tenha saído da especulação e da contemplação e também das decupagens fragmentárias e dos conhecimentos parcelares, é o de povoar essa lacuna, e povoar não apenas com a linguagem.

O povoamento dessa lacuna por plenitude social de que Lefebvre (2008) enuncia é posta em processo de satisfação por meio dos instrumentos de transformação que os sujeitos lançam mão na vida contemporânea: a consciência, a memória e o protesto. Isso permite aos indivíduos uma forma de navegação social em torno da mudança, um empreendimento social que alia as aspirações de vida com o agenciamento histórico.

Habermas (1990) acredita - com visão moderada - na reparação anamnésica de injustiças e percalços pretéritos por meio da ação comunicacional, na qual o protesto como diálogo em trânsito e em insurgência se inclui. "A reparação anamnésica de uma injustiça que não se pode de fato anular, mas que, pelo menos se pode virtualmente minorar pela

rememoração, integra o presente no contexto comunicacional de uma solidariedade histórico-universal” (HABERMAS, 1990, p. 26).

A memória é naturalmente socializante por combinar em si acontecimentos, perspectivas e identidades. Mas é também politizante na medida em que provoca leituras sobre as lacunas do passado, entre expectativas e experiências não satisfeitas, e lança sobre o futuro um tónus de reparação pelos gestos que transformam a realidade, selando um débito para com o passado, contraído por solidariedade.

As manifestações de junho de 2013 tinham objetivos muito claros quando do momento de sua eclosão. Havia a salvaguarda de temas e agendas definidas, mas que se fundiram com outras pulsões que colocavam o sentimento sociopolítico e as vivências dos sujeitos em atrição. A rememoração tornou-se um dispositivo que conscientizava a respeito do *status*, impelia à luta e respaldava os sentidos do presente ante ao passado e em direção ao futuro como parte de projetos de vida.

Ocupar as ruas e os espaços públicos portando mensagens reivindicatórias são atos que portam profundos significados. A interrupção dos fluxos urbanos, a desativação temporária da coesão da cidade para a ativação de insurgência demonstra a vitalidade do espaço e da sociedade, que com dores de crescimento, experimenta novos arranjos em sua fisiologia.

A ida às ruas é um ato presente e factual, garantido na liberdade de expressão e que pode ser filiado ou cooptado por agendas e interesses. Entretanto no encaicho dos manifestantes está uma experiência espaçotemporal. A dinâmica espacial se irradia na tomada dos espaços e na intervenção dos fluxos como substrato, caixa acústica e sede de significados e experiências. A dinâmica temporal se desenvolve não apenas por narrativas históricas, mas pelo préstimo memorial que ora repara ora revoluciona.

As ruas como a cadência do espaço da cidade fornecem a tessitura precisa para que uma floresta de signos se estabeleça a partir da experiência e dos usos que os sujeitos atribuem. Afinal, espaço é também experiência. E quando as conexões lógicas com os cenários de contradição e não representação não são suficientes para a performance humana, os sujeitos criam mecanismos poéticos que estabelecem conexões metafóricas com a realidade, mas prontamente referenciados nela e por ela (REYNAUD, 2005).

Se o espaço é ele mesmo constituído de diferentes forças e elementos, a vivência espacial interpela o sujeito a diferentes pontos de experiência: quanto à sua forma e funcionalidade, à sua história e lembrança, à sua afeição e às forças que o movem e modelam (GUATTARI, 1992). Relacionado à experiência e à percepção, o espaço fornece condições para deflagrar e reconstituir lembranças como forma de ação, reação e transformação (REYNAUD, 2005) - o *corpus* da reparação anamnésica.

“O espaço, como lugar das coisas, constitui um sistema coerente de imagens coletivas, no qual todos os procedimentos do grupo podem se traduzir em termos espaciais” (SEEMANN, 2002, p. 45). A memória enquanto registro ou reparação são ativos do espaço que o conduzem às suas relações diversificadas de transformação, reflexão e ordenamento. À guisa de movimentos de protestos, a memória se torna indumentária de desagravo e abertura de caminhos que transformam o espaço, que por sua vez não é apenas catalisador ou suporte, mas elemento constitutivo das próprias experiências que desencadeia.

## Considerações Finais

As manifestações de junho de 2013 tinham objetivos muito claros quando do momento de sua eclosão. Havia a salvaguarda de temas e agendas definidas, mas que se fundiram com outras pulsões que colocavam o sentimento sociopolítico e as vivências dos sujeitos em atrição. A rememoração tornou-se um dispositivo que conscientizava a respeito do *status*,

impelia à luta e respaldava os sentidos do presente ante ao passado e em direção ao futuro como parte de projetos de vida.

Ocupar as ruas e os espaços públicos portando mensagens reivindicatórias são atos que portam profundos significados. A interrupção dos fluxos urbanos, a desativação temporária da coesão da cidade para a ativação de insurgência demonstra a vitalidade do espaço e da sociedade, que com dores de crescimento, experimenta novos arranjos em sua fisiologia.

A ida às ruas é um ato presente e factual, garantido na liberdade de expressão e que pode ser filiado ou cooptado por agendas e interesses. Entretanto no encaixo dos manifestantes está uma experiência espaçotemporal. A dinâmica espacial se irradia na tomada dos espaços e na intervenção dos fluxos como substrato, caixa acústica e sede de significados e experiências. A dinâmica temporal se desenvolve não apenas por narrativas histórias, mas pelo préstimo memorial que ora repara ora revoluciona.

A memória é naturalmente socializante por combinar em si acontecimentos, perspectivas e identidades. Mas é também politizante na medida em que provoca leituras sobre as lacunas do passado, entre expectativas e experiências não satisfeitas, e lança sobre o futuro um tomus de reparação pelos gestos que transformam a realidade, selando um débito para com o passado, contraído por solidariedade.

#### Nota de Referência

<sup>1</sup> A opção pelo critério de maior circulação se justifica pela conseqüente maior cobertura e alcance dos periódicos.

#### Referências

- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRANDÃO, C.R. A primeira. Walter Benjamin. A dívida solidária com o passado. In: \_\_\_\_\_. **Memória Sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. São Paulo: Cone Sul; Uberaba: Editora Uniube, 1998. p. 27-34.
- GUATTARI, F. **Caosmose**: Um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.
- NEVES, F.R. Nova Hermenêutica Histórico-Crítica: revolução anamnésica e solidariedade histórica em Walter Benjamin. **Contexto**, Mossoró, v. 3, n. 3, p. 103-110, jan./jul. 2008.
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- REYNAULD, A.T.J. Espaço, cultura e memória: relatos de migrantes no Rio de Janeiro. **Vivência**, Natal, n. 28, p. 159-166, 2005.
- SEEMANN, J. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas históricas e sociais. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 4, n. 1, 2002.
- SEVCENKO, N. O Enigma pós-moderno. In: OLIVEIRA, R. C. **Pós-modernidade**. 5. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1995.
- SOUSA, P.A.P.; BARLETTO, M. Identidades, memória e espacialidade na Festa do Rosário. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, v. 8, n. 17, p. 123-137, set./dez. 2009.
- ZANINI, M.C.C. Construindo memórias, tecendo trajetórias. **Vivência**, Natal, n. 28, p. 115-122, 2005.